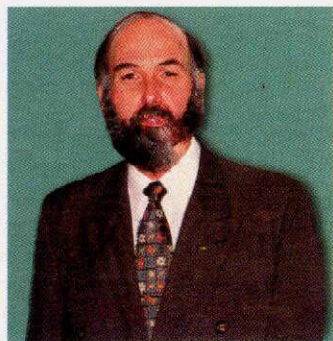


A não tão óbvia sociedade do amanhã

A not too obvious tomorrow society/ La no tan obvia sociedad del mañana



Celso Foelkel, eleito novo presidente da ABTCP, e docente da Universidade Federal de Santa Maria-RS
E-mail: foelkel@pro.via-rs.com.br

Qualquer estudo de tendências e de avaliação da competitividade futura exige que se visualizem cenários, não apenas aqueles para o nosso negócio, mas os da sociedade e do local geográfico, onde se está atuando ou se pretende atuar. Tendemos sempre a olhar apenas os aspectos técnicos e financeiros ligados aos nossos negócios e nos esquecemos de olhar os cenários sociais e comunitários que nos cercam.

Considerando que o papel é um bem social, o amanhã precisa ser visualizado a partir dos padrões de vida da sociedade do futuro. Olhamos também com alguma desconfiança para o futuro, com a impressão de que as gerações futuras não terão a mesma competência para cuidar do nosso mundo e dos nossos negócios, até porque temos algum sentimento de culpa pelo fato de não termos sido tão aplicados com nosso dever de casa.

É uma reação natural, acreditamos que nossos sucessores serão piores que

nós, e temos medo de como a história delineará nosso perfil e respectivas ações e atitudes. Entretanto, se olharmos o padrão de vida atual, veremos com facilidade que o mundo está melhor que o de nossos pais e infinitamente melhor que há alguns séculos. Vivemos muito mais, temos melhor educação, melhor saúde, mais conforto, um pouquinho mais de stress, mas até certo ponto é resultado de uma vida mais desafiadora.

Por outro lado, estamos vivendo como nunca a sociedade que usa o papel e precisamos indagar o futuro a respeito desses nossos produtos papeleiros. Algum dia, todos que sobreviverem estarão vivendo no futuro, não precisa ser muito distante, já que as mudanças são tão rápidas hoje, que o mundo estará diferente em apenas alguns pares de anos. Não temos idéia de como será, mas podemos olhar tendências e fazer algumas suposições. Haverá maior ou menor espaço para o papel?

Tenho refletido muito sobre quem comanda as mudanças da sociedade: seria a tecnologia; as características da própria sociedade, incluindo padrão cultural, religioso, de consumo etc; ou a interação de ambos? Às vezes, podemos acreditar que é a tecnologia a responsável pela introdução de produtos que a sociedade aceita comprar e viram sucesso de mercado, originando indústrias, como a própria indústria papeleira. Outras vezes, pergunto-me por que tantos produtos tecnologicamente interessantes não ganham sucesso mercadológico e morrem. Como a sociedade

muda em credos, valores, padrões culturais, padrões religiosos etc, essas mudanças certamente estão a ditar qual será neste contexto o padrão de qualidade de vida. Cabe a nós, que operamos áreas tecnológicas, surpreendê-la com produtos ou serviços que se introduzam com sucesso nessas situações.

Por exemplo, descobrir os motivos do sucesso tão fantástico da imprensa e do papel nos anos 1400's e, a partir daquele século, sua continuidade até hoje. A sociedade naquela época estava descobrindo as dimensões de seu mundo e ansiava por se comunicar para difundir os conhecimentos das suas descobertas científicas, tecnológicas, culturais, geográficas, mercadológicas etc. A imprensa viabilizou isso e permitiu o crescimento fantástico do uso do papel. A sociedade continuou crescendo, desenvolvendo-se e passou a viver apressada, tendo cada vez menos tempo. Qualquer coisa que criasse tempo para ela seria comprada imediatamente. Foi o caso das telecomunicações e do computador.

A sociedade também quer felicidade e facilidades ao mínimo preço. Os eletrodomésticos e os automóveis forneceram algumas dessas alegrias para seu deleite. Fica claro então que devemos monitorar a sociedade e seus desejos e tendências para desenvolver nossos produtos e serviços. Da mesma forma, não podemos concentrar esforços de desenvolvimento, olhando só para as nossas florestas e para as nossas máquinas, querendo melhorá-las somente pela nossa visão, sem perguntar à sociedade sobre suas vontades e tendências.

Tampouco podemos olhar só para o nosso setor, já que a sociedade sofre impactos de todos os setores, com suas descobertas para criar facilidades e felicidades para essa mesma sociedade, da qual inclusive fazemos parte. É por isso que quero começar discutindo tendências da sociedade e da tecnologia como um global, em vez de tentar sair listando coisas a desenvolver no setor florestal e papelero.

O consumo de papel e da madeira é dependente do aumento populacional, das formas e padrões de vida da sociedade e da evolução tecnológica dos alternativos e do próprio papel.

Quanto ao aumento populacional, as indicações são para que a população continue a crescer, mas com taxas decrescentes. Hoje, a média está em 1,6% ao ano, mas declinante. Só não é mais declinante pelo aumento da longevidade das pessoas. As famílias já se confortam com, no máximo, dois filhos, e a expectativa de vida ultrapassa os 72 anos nos Estados com melhor qualidade de vida no Brasil. As mulheres devem em sua maioria ficar viúvas, pois continuam a querer parceiros mais velhos e vivem em média três ou quatro anos mais. Logo, existe um mercado para viúvas idosas que ainda não encaramos como potencial. Será que elas não se interessariam por aprender Origami ou por fazer papel artesanal?

Mas nem só a mulheres idosas devemos nos preocupar em atender bem. A mulher ocupará cada vez mais espaço na sociedade e ela é um enorme mercado, pois exerce inúmeros papéis e influências nessa sociedade, cada qual demandando ou conduzindo a serviços e produtos característicos. As crianças, apesar de menos abundantes, também formarão um enorme mercado de produtos especializados, já que todos estarão ocupados demais para cuidar delas das formas convencionais.

Os mercados deverão mudar sobre-

maneira nas próximas décadas, com o aumento da proporção de idosos e diminuição de crianças. Tipos mais excitantes de educação dos jovens deverão ser encontrados, principalmente, usando a Internet. Quanto aos idosos, com certeza eles não vão querer ficar enterrados em casas geriátricas, demandando isso sim uma vida com mais entretenimento, paz e espiritualidade. Essa mesma espiritualidade será buscada por grande parte da população, que deverá acabar se cansando do consumismo e do materialismo exagerados.

A sociedade achará cada vez mais curtas as distâncias e procurará viajar mais, conhecer mais lugares e novos usos e costumes. Essa mesma sociedade valorizará sonhos e desafios, precisando de estímulos de realização para enriquecer sua auto-estima. Seremos cada vez mais abundantes e cada vez maior o número de pessoas a terem seus momentos de satisfação atendidos ou por atender.

Quebras de regras, mudanças culturais rápidas, infidelidade cultural e baixo apego aos valores serão comuns. Os que se sentirem excluídos formarão grupos sociais, cada vez mais comuns, maiores e poderosos. Como está cada vez mais difícil ter alguma privacidade, pode ser que ela tenha de ser buscada em novos tipos de negócios. Um deles é a virtualidade, que colocará as pessoas sozinhas, conversando com seus computadores.

Os novos valores familiares e de relações interpessoais, as novas formas de encarar o sentimentalismo, a busca de amizades com animais de estimação, a busca exorbitada da segurança pessoal no mundo todo gerarão um sem número de novos produtos e serviços para a sociedade. Jovens e adultos, por exemplo, estarão priorizando a valorização de seus corpos, ou para permanecerem esbeltos e bonitos, ou então saudáveis e cheios de vigor, livres de doenças e de intoxicações pelos “venenos” da vida diária.

Os idosos também se preocuparão com seus corpos, sob a ótica de prolongamento da idade por ainda mais tempo.

Nos negócios prega-se também o fim do “emprego tradicional”, a geração da renda familiar por múltiplas atividades e não por um emprego formal de “carteira assinada”. Por causa da velocidade que se exigirá das pessoas, preocupadas em “ganhar a vida”, vislumbraremos finalmente a morte da burocracia e a racionalização das atividades da vida diária. São coisas que levarão ao menor uso do papel da forma como estamos acostumados. Se a “morte do emprego” conduzir a uma diminuição de renda familiar, teremos menor poder aquisitivo da população em geral, menos consumidores, maior competição e morte de algumas empresas.

Porém, isso pode não ocorrer. Não é só com carteira assinada que se pode ganhar um bom rendimento familiar mensal. Os hábitos de consumo poderão mudar com as pessoas valorizando as coisas mais simples, os produtos mais flexíveis, os *designs* mais práticos e bonitos. As mudanças na forma de ganhar a vida favorecerão o auto-empendedorismo pessoal e a busca de sucessos em negócios próprios. Isso por sinal é o sonho dos brasileiros: ter seu próprio negócio e ser “dono de seu nariz”.

Para conseguir isso, todos valorizarão mais a educação, a inteligência, a informação e o conhecimento. Essa já é uma tendência forte atualmente, em que pessoas, sequer com curso primário completo, cursam informática e inglês nas milhares de escolas que surgem sobre os assuntos. E estamos apenas começando... A educação privilegiará novos modelos indutivos, intuitivos e de autodesenvolvimento. A informática favorecerá os sistemas de aprendizado e as escolas virtuais. As universidades mudarão o foco para desenvolver competências e não para formar pessoas a serem empregadas.



A educação continuada será obrigatória. A interatividade, a formação de grupos de estudos e de conversas, o hábito da leitura e do estudo individual, tudo isso aumentará. As pessoas descobrirão que seu valor não está mais na força, mas no intelecto e na competência. Os menos privilegiados poderão usar suas habilidades manuais e motoras com as atividades artesanais e com os esportes.

Se a miséria diminuir pela melhor distribuição de renda, parcela significativa da população mundial poderá finalmente consumir papel. Países do terceiro mundo, com grandes populações, passarão a necessitar cada vez mais de produtos papéis. Há, porém, o perigo de que ocorra o contrário, com a concentração de renda ainda maior e aumento dos desequilíbrios sociais e regionais. Poderosos cada vez mais poderosos e pobres cada vez mais pobres: ricos e miseráveis como classes sociais. Isso é uma estupidez mercadológica e prejudica a todos, pois os mais pobres estarão fora do mercado consumidor, e os mais ricos, como deterão riquezas e poder de produção, acabarão também ganhando menos. Este é o cenário de um futuro negro que tem menos chances de ocorrer, mas que não pode ser descartado pela vontade de ganhar cada vez mais dos sempre ambiciosos humanos.

Por falar em miséria e riquezas, supõe-se também que o papel moeda está para virar peça de museu. O dinheiro será rapidamente substituído por cartões magnéticos inteligentes, moedas eletrônicas, comércio eletrônico etc. A burocracia bancária será toda via eletrônica. Certamente, haverá grande impacto sobre muitos tipos de papel. Outra peça de museu deverá ser o envelope tradicional, a ser substituído por embalagens mais flexíveis e inteligentes, desenvolvidas em função das mudanças nos tipos de comércio. Afinal, o paraíso dos *motoboy*s está surgindo com as vendas por Internet e por catálogos.

O comércio deverá se alterar substancialmente, principalmente, pelos benefícios do *just-in-time* e o *e-commerce*, negócios fechados virtualmente pela Internet. Não haverá mais estoques intermediários nas lojas. A mercadoria sairá do depósito do fabricante para a casa do usuário. Menos movimentos, menos burocracia, menos papéis envolvidos. Da mesma forma, a morte do distribuidor e dos agentes/representantes será lenta e agonizante. Com as simplificações na burocracia, as notas fiscais deverão ser substituídas por códigos de barras eletrônicos e menos papel a circular.

A sociedade do amanhã valorizará as coisas do ambiente. Diminuirá a poluição e o lixo, até porque as municipalidades começarão a cobrar taxas elevadíssimas da população e das empresas por gerar lixo. A reciclagem de todos os produtos, passíveis de serem reciclados, será muito bem coordenada e até mesmo mandatória em muitos casos. As taxas de reciclagem do papel aumentarão em todo o mundo. Haverá excesso de oferta de fibras secundárias, e o preço cairá.

As fábricas consumirão pouca água e emitirão menos efluentes. Os resíduos sólidos serão contidos na origem ou representarão matérias-primas para algum outro tipo de produção, fechando-se a cadeia produtiva. Ainda dentro dos aspectos ambientais, a sociedade começará a se questionar sobre a real necessidade de se vestir formalmente, com terno e gravata, e a consumir muita energia em aparelhos de ar condicionado. O Estado de São Paulo deverá ser a última cidade a mudar nesse aspecto e talvez venha a se tornar uma cidade turística apenas para se olhar executivos, vestindo esse tipo de roupa. Será que em uma sociedade menos exigente quanto aos trajes formais, mas de alta diversidade em padrões e modelos, as roupas de papel não terão seu espaço?

A fotossíntese poderá ser melhor

estudada a partir de agora, com a diminuição dos estoques naturais de combustíveis fósseis. O homem poderá finalmente pensar em ter fábricas de açúcar a partir de luz solar, água e CO₂ cada vez mais abundante. Como consequência, os problemas energético, alimentício e de efeito estufa poderão ser equacionados.

As florestas naturais serão protegidas, tanto legalmente quanto pela própria população. Haverão os chamados "guardiões das florestas", representados por ONG's e órgãos do governo. As florestas plantadas serão vistas como alternativas para o suprimento de madeira. Entretanto, o convencimento de que é uma atividade sustentavelmente sadia demandará grandes esforços.

Teremos novos padrões de consumo, mais voltados para as coisas definidas como *high tech* ou para as coisas naturais. O gosto pelo novo, para experimentar emoções desconhecidas, incentivará novas tecnologias e seus produtos e serviços derivados. Haverá enorme espaço para os produtos naturais. Com o fim do emprego tradicional, a atividade artesanal ressurgirá. As pessoas estarão fazendo o que gostam e comercializando o resultado de sua arte individual. Como no Brasil acreditamos que um Real e nada são a mesma coisa, poderemos ter enormes possibilidades para artesanatos de papel, a serem vendidos a menos de um Real e ainda com custo de fabricação de centavos.

Em resumo, entre as oportunidades e ameaças existentes ou que ainda virão, nossa velocidade de entendimento e postura quanto a se antecipar às mudanças é que definirão nosso futuro, baseado em uma destas duas opções. Os mais rápidos e os de maior visão poderão usufruir melhor das vantagens do novo mundo. A questão é: onde você pretende estar amanhã? ▲